

ESTUDANTES PELO COMUNISMO

1 ano



de luta e
organização

Boletim Interno do sector estudantil

● Departamento Escolar e de
Juventude

10.00

20.4.77

Nº 12 / ANO II



Exactamente há um ano, na tarde do dia 20 de Abril de 76 saia à luz do dia o primeiro número do nosso boletim interno - "ESTUDANTES PELO COMUNISMO". Na altura da responsabilidade do DEJ e da COMISSÃO PROMOTORA DA CONFERÊNCIA, o "EpC" era o resultado das decisões em matéria político-organizativa da Iª REUNIÃO NACIONAL DAS COORDENADORAS ESTUDANTIS que se realizou em 27/28 de Março.

Pretendia-se assim "construir" um instrumento de trabalho que será destinado a militantes e aderentes com vista a reforçar a coesão política de todas as estruturas e camaradas ("EpC"-nº1).

UM ANO DE VIDA E JÁ UM LONGO CAMINHO PERCORRIDO...

Do ponto de vista interno o "EpC" foi um instrumento precioso no lançamento e fortalecimento das CELULAS e no forjar duma direcção nacional do sector acente numa real intervenção nas escolas; foi o suporte fundamental da adopção duma linha táctica comum a todos os núcleos de trabalho estudantil; acompanhou iniciativas tão importantes como - a Iª CONFERÊNCIA, o Iº ACAMPAMENTO e a Iª CONFERÊNCIA NACIONAL DE QUADROS.

Chegando a todos os núcleos do partido (de Viana a Faro e às Ilhas), foi, muitas vezes, um militante entre os militantes, um informador, formador e organizador colectivo.

Do ponto de vista da nossa acção nos processos de massa, prespectivou-nos face às estruturas democráticas, aos ENDAs, no combate ao decreto-Cardia, ...

UM ANO DE VIDA E AINDA TANTO POR SUPERAR ...

Mas nestes doze meses de trabalho não conseguimos superar muitas incapacidades e vícios: o "EpC" continua centrado em Lisboa e produzido por 2 ou 3 camaradas; o "EpC" continua muito ligado às questões do sector e pouco às do partido; o seu pagamento continua bastante irregular; o nosso sector mantém ainda grandes vícios de corporativismo - as nossas estruturas ainda são de

Por tudo isto, pelas vitórias e derrotas que sofremos neste primeiro ano de luta e organização, não poderíamos deixar passar em "branco" este aniversário. É assim que toda a 1ª parte deste nº12 é ESPECIAL de comemoração. Na 2ª parte para além dum conjunto alargado de informações internas da nossa actividade, incluímos dois documentos de central importância política - trata-se da concretização da linha táctica que vimos definindo em dois terrenos fundamentais: o trabalho cultural e o trabalho federativo. Exige-se a sua leitura e crítica cuidada.

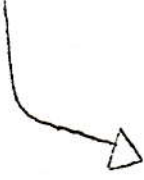
Que na entrada do seu segundo ano de publicação saibamos retirar as lições do passado, superar os erros e vícios, transformar o "EpC" num verdadeiro órgão colectivo, formador de mentalidades e militantes comunistas.

VIVA O "EpC"! VIVA O MES! VIVA O COMUNISMO!

E
D
I
T
O
R
I
A
L

um ano

os 12 n^{os}



DEPC

UM
ANO
DE
VIDA

Nº 1 - 20 ABRIL 76 (21 PAG)

- INTRODUÇÃO (O PORQUÊ DESTE BOLETIM)
- SOBRE A 1ª CONFERÊNCIA
- A ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA, OS COMUNISTAS E A IMPORTÂNCIA DA SUA ORGANIZAÇÃO
- CRÍTICA AO PROJECTO DA UEDP

Nº 2 - 14 MAIO 76 (17 PAG)

- EDITORIAL (SOBRE A 1ª CONFERÊNCIA)
- DISTRIBUIÇÃO DO EPC
- O ENQUADRAMENTO DE SIMPATISANTES
- A SITUAÇÃO DO SECUNDÁRIO EM BEJA
- SOBRE O MOVIMENTO FEDERATIVO ORGANIZAR E ESTIMULAR A DISCUSSÃO POLÍTICA NO SECTOR

Nº 3 - 26 MAIO 76 (22 PAG)

- EDITORIAL
- RESOLUÇÕES DA C. PROMOTORA DA 1ª CONFER. 1º ENCONTRO DE ESTUDANTES E PROF. - LEIRIA
- ALGUMAS NOTAS SOBRE O ENDA
- CEB - UMA EXPERIÊNCIA DE UNIDADE
- SOBRE O DEBATE POLÍTICO
- ANÁLISE CRÍTICA DO EPC 1º E 2º
- CHAVES - 1ª CONFERÊNCIA CONCELHIA

Nº 4 - 10 JUNHO 76 (23 PAG)

- EDITORIAL
- RELATÓRIO DO DEJ À 1ª CONFERÊNCIA
- REVOLUÇÃO CULTURAL E REV. SOCIALISTA
- O TRABALHO CULTURAL - BEJA
- OS GDUPS ESCOLARES - LISBOA
- DEFINIÇÃO DUM PLANO DE TRABALHOS - CALDAS
- NUMERUS CLAUSUS

Nº 5 - 14 JULHO 76 (9 PAG)

- SUPLEMENTO SOBRE O ACAMPAMENTO DE FORMAÇÃO DE QUADROS EM MONTALEGRE

Nº 6 - 10 SETEMBRO 76 (10 PAG)

- EDITORIAL (AS VITÓRIAS DO ACAMPAMENTO)
- SAUDAÇÃO AO COMITÉ CENTRAL
- SAUDAÇÃO DO CC AOS ESTUDANTES COMUNISTAS DO MES

Nº 7 - 17 SETEMBRO 76 (27 PAG)

- EDITORIAL
- SOBRE A ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA E AS TAREFAS DE ENQUADRAMENTO
- 11ª REUNIÃO NACIONAL DOS SECRETARIADOS E COORDENADORAS DO SECTOR



- ALGUNS DADOS SOBRE O QUOTIDIANO NO ACAMPAMENTO
- SOBRE A DISCUSSÃO POLÍTICA
 - SOBRE O TRABALHO MANUAL
 - SOLIDARIEDADE COMUNISTA - PRESENTE!

Nº 8 - 1 OUTUBRO 76 (28 PAG)

- EDITORIAL
- 11ª REUNIÃO NAC. DAS COORDENADORAS
- SAUDAÇÃO DA CAMARADA ANA C.
- LEVAR A DISCUSSÃO POLÍTICA A TODAS AS CELULAS
- 3 DEPOIMENTOS SOBRE O ACAMPAMENTO
- RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DO B. ALENTEJO E ALGARVE

Nº 9 - 30 NOVEMBRO 76 (16 PAG)

- EDITORIAL
- DOS CAMARADAS DE OVAR À C.N.
- RELATÓRIO DA CELULA DO PAV
- RELATÓRIO DA CELULA VARIADA B
- RELATÓRIO DA CELULA DO IST
- SOBRE O ACAMPAMENTO

Nº 10 - 20 FEVEREIRO 77 (29 PAG)

- NOTA DE ABERTURA
- SEORL - RELATÓRIO DE ACTIVIDADES
- UNEP - SITUAÇÃO E DIRECTRIZES
- A LUTA CONTRA O DECRETO-CARDIA
- QUE FUTURO PARA O ME EM DEMOCRACIA BURGUESA?
- ACTA DA REUNIÃO DA C.NACIONAL

Nº 11 - 22 MARÇO 77 (14 PAG)

- EDITORIAL
- A ACTUAL TÁCTICA DOS REVOLUCIONÁRIOS PARA AS ESCOLAS
- RELATÓRIO SOBRE O ENDA DE 13 MARÇO
- CORRELAÇÃO DE FORÇAS AO NÍVEL DAS DAES EM MESES DE MARÇO
- ACTA DA 4ª REUNIÃO DA C.NACIONAL

Nº 12 - 20 ABRIL 77

- EDITORIAL
- EPC - UM ANO DE VIDA
- SAUDAÇÕES
- ENTREVISTA AO CAMARADA ANTÓNIO P.
- A ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA, OS COMUNISTAS E A IMPORTÂNCIA DA SUA ORGANIZAÇÃO
- SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CORRENTE REVOLUCIONÁRIA NO SEIO DO MA
- A NOSSA TÁCTICA PARA O TRABALHO CULTURAL
- INFORMAÇÕES INTERNAS

VIVA



MES

um ano

EpC = UMI ANO

INTRODUÇÃO:

No âmbito deste numero especial de comemoração do 1º ano de existência do EpC - publicamos saudações vindas do Secretariado do Comité Central e da maioria das estruturas e camaradas que dirigem o trabalho estudantil nas várias regiões do país.

Que as saudações vindas desses vários núcleos de trabalho se materializem numa verdadeira transformação do - "Estudantes pelo Comunismo" num instrumento de formação comunista dos nossos estudantes, com a participação efectiva de todos esses camaradas, é o caminho que apontamos nesta passagem de um ano de vida do nosso boletim interno.

DE ORGANIZAÇÃO E LUTA

SAUDAÇÕES

• DO COMITÉ CENTRAL

CAMARADAS:

O Secretariado do CC congratula-se com a publicação ininterrupta, que hoje prefaz um ano, do "Estudantes pelo Comunismo".

Essa publicação ininterrupta traduz o amadurecimento e firme avanço na marcha organizativa do sector estudantil do Partido, que a breve trecho, imporá novas e mais ousadas soluções (organização autónoma capaz de dirigir um amplo trabalho cultural e ideológico entre os estudantes portugueses).

Esse avanço organizativo está bem espelhado no ascenso do MES entre as forças anti-fascistas, como linha de acção que recolhe a confiança de cada vez mais alargados sectores juvenis - os êxitos eleitorais aí estão para o confirmar, das Associações de Estudantes aos órgãos de gestão.

Esse avanço organizativo é, por sua vez, fruto da capacidade que tem demonstrado o sector, através dos organismos existentes (DEJ, Coordenadora Nacional, Secretariados e Coordenadoras Regionais), para vir definindo uma tática adequada às tarefas da Resistência nas escolas (defesa da gestão democrática e outras conquistas democráticas e revolucionárias, e abertura de novos terrenos de intervenção)

Mas as vitórias alcançadas só nos servem para reforçar a vigilância e o vigor sobre as tarefas que enfrentaremos no futuro!

Avanta pois, camaradas estudantes comunistas do MES. A II Conferência Nacional do Sector tem de preparar à sua escala, o III Congresso do MES, fazendo avançar a linha partidária e organizativa para as escolas. O EpC cumprirá aí o seu papel de veículo e dinamizador do debate e participação colectivas.

Ao trabalho, Camaradas!

Viva o MES!

Lisboa, 15 de Abril de 1977

O Secretariado do Comité Central

o DE LEIRIA

CAMARADAS:

Com a saída deste EpC nº 12 faz hoje um ano que começou a publicação da informação interna do sector estudantil do nosso partido. Convém levantar algumas questões acerca do que foi este 1º ano do EpC na vida do sector estudantil do nosso partido.

Em primeiro lugar convém referir o papel positivo que teve como veículo unificador ideológico na vida interna do sector. Por outro parece-nos que poderia e não tem sido feito (ou só muito parcialmente) o processo de crítica e auto-crítica por parte das estruturas do sector.

Em segundo lugar parece-nos que tem sido um boletim que nos tem permitido uma visão mais global da nossa intervenção em todo o país.

Por tudo o que foi dito saudamos este primeiro aniversário como factor decisivo para a organização do sector de norte a sul do país e desejamos também longa vida ao EpC.

Saudações Comunistas

Leiria

o DO SEORP

QUERIDOS CAMARADAS:

Em nome do SEORP e como membro da Coordenadora Nacional saúdo calorosamente o I Aniversário da saída do nosso EpC!

Surgido da necessidade da Coordenadora Nacional e de todos os camaradas em ultrapassarmos a dispersão de esforços e o corporativismo da nossa intervenção na frente estudantil, da necessidade de nos dotarmos de uma arma capaz de veicular a informação e as directivas internas e entrar ao mesmo tempo num processo global de formação de quadros estudantis do nosso Partido, pode dizer-se que a saída do EpC saldou-se numa grande vitória organizativa mas parcial, porquê?

A não ser os dois últimos, os anteriores EpC's foram elaborados à base de uns poucos camaradas e notoriamente centralizados em Lisboa; a discussão e o aproveitamento de textos capazes de conduzir ao aprofundamento da nossa linha táctica e da nossa capacidade de a concretizar, foi pontual e pouco participada. Deste facto, não podemos culpar este ou aquele camarada; este ou aquele núcleo - as deficiências do EpC têm sido o espelho da debilidade organizativa que ainda nos afecta e que temos de superar no nosso sector e em todo o Partido.

Mas, hoje tem sentido celebrar esta vitória! E tem sentido na medida em que formos capazes de transformar a experiência acumulada e a força que ganhamos no terreno da luta de massas nas escolas em ORGANIZAÇÃO e determinação comunistas para a LUTA contra a re conversão capitalista das escolas veiculando a passos seguros a nossa alternativa politica.

Ao trabalho, Camaradas

Viva o Comunismo! Viva o MES

o DA BEIRA LITORAL

Faz hoje um ano que apareceu alguém nas nossas fileiras que nos ajudou imenso no arranque organizativo que precisávamos dar. Esse alguém decidiu-se chamar-lhe - Estudantes pelo Comunismo.

E, sem dúvida, considero que ele foi realmente um instrumento preciosissimo de trabalho, foi fundamental para a vida interna do nosso sector, foi um dos nossos grandes militantes.

Se é verdade que teve e terá ainda algumas deficiências, também é verdade que esses defeitos só lhe desaparecerão à medida que nós formos superando as nossas deficiências politico-organizativas.

Para o meu trabalho e para o trabalho que aqui na ORBL se tem vindo a desenvolver no nosso sector ele por vezes superou uma série de lacunas que a nossa fraaa organização ainda não tinha capacidade para ultrapassar de uma forma verdadeiramente capaz. Sem dúvida gostaria de dizer mais e de fazer uma critica mais profunda ao EpC mas o facto de só ter oportunidade de escrever estas linhas em cima da hora impossibilitam-me de tal. De qualquer modo não quis deixar de mandar a minha saudação.

Viva o MES!

Viva o Comunismo!

O Responsável pelo Sector Estudantil
da BEIRA LITORAL

o DO SEORL

O aparecimento, há um ano, do boletim interno dos estudantes do MES - EpC, constituiu um importante passo no fortalecimento da ligação das células estudantis a nível nacional.

Se para as células da ORL, o EpC foi e continua a ser uma importante base de discussão sobre as directrizes concretas de actuação nas escolas, foi sem dúvida para as células da provincia um instrumento de muito maior importância que permitiu, embora parcialmente superar a sua fraca ligação ao Executivo Nacional e ao DEJ.

No entanto, importa neste 1º Aniversário do EpC fazer um balanço critico do que ele tem sido e apontar perspectivas para o seu aperfeiçoamento.

O que de mais importante ressalta deste balanço é a fraca participação das células na elaboração do seu boletim interno. Se as células estudantis da ORL enviaram algumas vezes (poucas) textos para discussão, criticas à actuação dos órgãos dirigentes, isso raramente aconteceu em relação às células e núcleos da provincia. Assim, o EpC foi praticamente assegurado por um ou dois camaradas do Executivo Nacional que elaboraram as directrizes, faziam as criticas, lançavam textos de debate, e apesar dos seus sucessivos apelos à participação, esta não chegava.

É pois tarefa primordial para avançar com o EpC, transformá-lo num órgão mais vivo e participativo. O levantamento da Coordenadora Nacional e consequente reforço da ligação das células a nível nacional pode ser um importante passo nesta transformação. No entanto as células têm um papel primordial nesta tarefa. É fundamental que estas elaborem periodicamente Relatórios da sua actividade nas escolas, criticas aos órgãos dirigentes do sector estudantil e do partido em geral, textos para o debate sobre a nossa linha táctica para o movimento estudantil, etc.

Só assim o EpC poderá reflectir o "pulsar" do sector estudantil do MES e cumprir totalmente a sua função de ligação e direcção às células de base, e das células de base à direcção.

Por uma participação viva e criativa no EpC!

Em frente com o EpC!

SEORL



◦ DE CASTELO - BRANCO

Com a comemoração do 1º ano de saídas do EpC, todos sentimos claramente aquilo que o nosso boletim interno veio representar para o Sector como um marco fundamental, quer a nível de uma melhor coordenação do trabalho, quer de uma mais assídua informação e participação na vida do sector.

Alguns dos objectivos não foram alcançados! Penso que é necessário e fundamental um maior esforço de reflexão sobre determinadas questões que o EpC deve conter tais como: - a intervenção nos liceus e técnicas; - o reforço e consolidação do trabalho associativo - maior participação de células de provincia e suas experiências - coordenação de trabalho realizado em algumas escolas de características específicas, por ex. as Escolas dos Magistérios Primários onde desenvolvemos neste momento uma actuação importante.

A nossa tarefa é em cada momento, em vez de estagnarmos, dotarmos o nosso EpC cada vez mais dos elementos necessários para atingir novos objectivos de acordo sempre com novas metas de luta.

Neste Primeiro Aniversário do EpC
Solidária na Luta
Viva o MES

RESPONSÁVEL PELA REGIÃO
DE CASTELO - BRANCO

◦ DE PORTALEGRE

A Célula do Liceu Nacional de Portalegre, saúda com firmeza a continuação da saída do EpC, nosso boletim interno, devido à sua importância. Quer na transmissão de experiências, quer na informação que todos de certa maneira carecemos. Para nós é pois de extrema importância a saída dos EpC's pelos factos que já apontamos.

Saudações Comunistas

Entrevista com o camarada António P.

um ano

INTRODUÇÃO

Iniciando a sua intervenção no MES, alguns meses antes do "25 de Abril", o camarada António P. militou no S. Estudantil desde então até ao verão de 76. Como membro do SEORL esteve no lançamento das células partidárias e na construção de uma direcção nacional para o sector.

É no seio desse trabalho que viria a ser um dos "fundadores" do nosso boletim interno "Estudantes pelo Comunismo". Tendo mais tarde sido chamado ao "trabalho de núcleo" é hoje membro do respectivo Secretariado. Esta já rica experiência partidária e o facto de ter participado activamente na saída do "EpC" nº 1 justificam esta entrevista.

- 1 - PERGUNTA: Tu que acompanhaste o nascer das células estudantis qual a importância que na altura se viu na saída de um Boletim Interno? Consideras que têm sido cumpridos tais objectivos?

Os objectivos iniciais do EpC não estavam quando a mim suficientemente clarificados na altura; ele aparece na sequência da Reunião da Coordenadora Nacional (de 27 e 28 de Março) que decide da Conferência Nacional do Sector e propõe-se servir de instrumento de preparação da Conferência sendo no entanto o objectivo principal o ser um instrumento para a formação e coesão de células do MES em todas as escolas.

Assim parece-me que a sua publicação foi o primeiro passo organizado para estruturar o sector a nível nacional e que desse ponto de vista foi da máxima importância, tendo contribuído positivamente. Já quanto ao objectivo principal penso, que num ou noutro número, o EpC não tem contribuído para o reforço e coesão ideológica dos militantes, na medida em que oscila entre um carácter claramente informativo e troca de experiências através de relatórios.

- 2 - PERGUNTA Porque se resolveu dar o nome de Estudantes pelo Comunismo?

Bem, as propostas eram, "Estudantes pelo Poder Popular" e "Estudantes pelo Comunismo", optou-se por este último por ele corresponder melhor aos objectivos partidários do ponto de vista da clara afirmação do MES como organização comunista. Por outro lado a outra proposta corresponderia mais a uma estrutura de frente aglutinadora da corrente do Poder Popular.

- 3 - PERGUNTA Agora que saíste do Sector, como observas "de fora" a evolução do nosso trabalho estudantil?

Neste momento não me poderei pronunciar com segurança, penso no entanto que se há avanços a nível do trabalho nacional (sua coordenação e direcção) existe a nível da ORL menor ligação ao Partido dando-se pouca atenção quer às tarefas concretas (agitação e propaganda, venda do Poder Popular) quer às transformações que se estão a operar no Partido. Por outro lado, e face a minha própria experiência penso que é decisivo dar mais atenção à formação política e ideológica dos militantes estudantis de forma a que se "sintam" como militantes do Partido e não militantes de um sector desligado do Partido.

4 - PERGUNTA Quais as dificuldades de trabalho e integração, noutra sector de trabalho do Partido, dos camaradas que saem do sector?

As dificuldades variarão muito de caso para caso, quer face ao novo sector, quer face às características de cada camarada, penso no entanto que existirá algo de comum em todos e que é passar de um sector onde se vêem avanços todos os meses (mais um camarada enquadrado, mais uma direcção conquistada, etc) e onde há intervenção em RGA's, Assembleias de escola etc, para um trabalho mais difícil e "silencioso" onde os avanços são menos claros. É pois necessário um grande espirito de paciência e dedicação onde é fundamental definir os objectivos a que podemos chegar e quais os passos concretos a dar.

Isto agravado no trabalho de Núcleo (onde actualmente estou integrado) porque muitas vezes as estruturas existentes não estão realmente ligadas à realidade e desenvolvem um trabalho mais de activismo do que um trabalho militante. Por outro lado existem os aspectos positivos de conhecermos novos camaradas (quer do MES, quer não) e de nos apercebermos quantas vezes andamos desligados da realidade da luta da classe operária e do povo trabalhador.

Para terminar não poderei pois deixar de saudar todos os camaradas do Sector, com muitos dos quais trabalhei durante meses e meses, e todas as estruturas existentes no sentido de lhes desejar bom-trabalho e de os alertar para a necessidade de cada vez mais a nossa opção revolucionária ser total de forma a que mudando de sector, possamos continuar a lutar para que o MES se afirme como uma força de classe.

VIVA O MES!

VIVA O COMUNISMO!

Lisboa, 19 de Abril de 1977

CAMARADA:

Se queres que o "EPC" venha a comemorar o seu segundo ano de vida → paga-o !!! regularmente.

um ano

SOBRE

INTRODUÇÃO:

Na passagem de 1 ano de publicação do EpC não poderíamos esquecer aquilo, que foi talvez, a sua primeira e principal função - um organizador partidário!

O seu número 1 (editado em 20 de Abril de 76) era composto por quatro artigos - INTRODUÇÃO; SOBRE A I CONFERÊNCIA; CRITICA AO PROJECTO DA UEDP; e A ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA, OS COMUNISTAS E A IMPORTÂNCIA DA SUA ORGANIZAÇÃO.

Este último texto foi um autêntico guia! Para todo o sector em matéria de política organizativa - a importância vital das células, como formar uma célula?, quais as suas tarefas internas e de massas?, o que é um secretariado de célula e quais as suas funções?, os vícios de um sector como o estudantil e a consequente revolucionarização dos quadros - são questões que vêm aí abordadas com uma correcção e clareza notáveis. De tal forma que, hoje, passado exactamente um ano, mantém toda a actualidade.

Dáí a sua reedição...

ORGANIZAÇÃO

partidária

REEDICAO DUM DOCUMENTO DO "EPC" n.º 1

1) INTRODUÇÃO

Com a realização do II Congresso ficam consagrados nos estatutos, princípios organizativos claros que constituem um instrumento que nos permitirá avançar e atingir as metas traçadas e afirmarmo-nos cada vez mais como força de vanguarda.

A consagração da organização partidária nos locais de trabalho (fábrica, empresa, bairro ou escola), da crítica e da auto-crítica da dedicação colegial, de estruturas de direcção aos mais diversos níveis, etc. são questões decisivas e que devemos desde já levar à prática de uma forma colectiva e sistemática.

No nosso sector, pelas suas próprias características, dificuldades surgem ao nível de levar à prática uma das grandes tarefas aprovadas na reunião Nacional de Coordenadoras Estudantis do MES, de 27 e 28 de Março: FORMAÇÃO E COESÃO DE CÉLULAS DO MES EM TODAS AS ESCOLAS.

O porquê desta dificuldade e as formas de a superarmos é o objectivo deste texto, o qual pretende ser unicamente um instrumento de trabalho a ser utilizado e criticado por todos os camaradas.



2) COMO FORMAR UM MILITANTE REVOLUCIONÁRIO ESTUDANTIL

Se é a classe operária que não conhece a comodidade, que não pode gozar de descanso, radicada em bairros miseráveis com a sua família, que sente na carne, dia a dia a miséria e a exploração do capitalismo, que pelas suas condições de trabalho tem maiores aptidões para a acção disciplinada e paciente, tendo naturalmente melhores condições que outros sectores sociais para o compromisso e a prática revolucionárias e uma reserva inesgotável de combatentes de vanguarda forjados na luta diária, outros sectores existem (pequena burguesia, campesinato) que são também possíveis de ganhar para as hostes da Revolução e do Partido.

Um destes sectores é o estudantil, No entanto aqui há que lutar duramente contra o individualismo, o egoísmo, a indisciplina, o liberalismo, a comodidade, etc. É assim que no nosso sector, vemos quotidianamente exemplos de camaradas que pela incapacidade (também nossa) de superar esses vícios, abandonam a organização, e quantas vezes a luta revolucionária. Vemos também outros camaradas com potencialidades para se tornarem verdadeiros militantes comunistas o não fazem devido ao seu modo de vida, à sua concepção de "fazer politica", terem muito a ver com a velha ideologia burguesa e muito pouco com uma prática revolucionária consequente.

Para ultrapassar esta situação é necessário perceber desde já as causas dos vícios fundamentais e a forma de as superar. É perceber qual a participação do colectivo (partido) nessa superação e os diferentes níveis a que tal será feito (central, do sector, de célula).

Os principais vícios do sector foram, por um lado, práticas de tipo anarquizante, por outro liberalismo e individualismo da parte de alguns camaradas.

O primeiro deles, que nos custou alguns elementos resulta por um lado, da forma como aderimos a uma perspectiva revolucionária a partir das contradições próprias à juventude estudantil e que dada a incapacidade do Partido em as equacionar e dar-lhes o seu verdadeiro lugar (de secundarização face à contradição fundamental explorados - exploradores) na transformação da sociedade, permitiu que as teses anarquistas da transformação social sempre tivessem, no sector forte peso e que impedissem durante muito tempo a sua real integração na organização.

O liberalismo e o individualismo traduzem-se por um lado, na forma "leviana" como se encara a actividade militante, que surge como mais uma forma de ocupar os tempos livres, como algo que está na moda: "fazer politica de esquerda", ao que tem conduzido ao desprezo por tarefas de agitação e propaganda e ao desprezo por decisões colectivas, muitas vezes traduzidas em abandono temporário da prática militante (para se tirar férias!).

Isto conduz por outro lado, a que alguns camaradas fiquem sobrecarregados com grande parte do trabalho, em pensar em toda a actividade da célula, deixando-se os restantes de ter uma participação activa na vida desta e do Partido o que origina que quando se dá a saída do sector do camarada "fundamental" (como se houvessem camaradas insubstituíveis!) o trabalho se vai abaixo, a intervenção chega a desaparecer e toda a dinâmica de funcionamento se vai por água abaixo.

Estes vícios e outros que existem só serão correctamente superados com um correcto trabalho de formação da parte do Partido, com uma correcta divisão do trabalho ao nível das células e com um serio esforço de pensar a actividade militante em termos de colectivo e não deste ou daquele camarada.

Para tal há que compreender a importância da formação de células e da formação militante como forma de nos transformarmos em verdadeiros militantes do progresso social e do Comunismo, como forma de transformar cada camarada num elemento de vanguarda que como tal seja reconhecido pelas massas, como forma de podermos contribuir para transformar o MES numa organização de classe, que seja o núcleo fundamental à volta do qual se agruparão os verdadeiros comunistas portugueses, no Partido Revolucionário da Classe Operária.

3) O TRABALHO DA CÉLULA / A FORMAÇÃO DE QUADROS

O conjunto de vícios e incorrecções atrás apontados conduzem, de uma forma ou de outra, ao desprezo pelo trabalho organizado e organizativo, ao abandono da necessidade de reforçar o Partido, já que muitos camaradas há que desprezam o trabalho de enquadramento, de agitação, etc. e isto porque encaram a actividade militante como um acto individual e pouco se preocupam em ter uma participação activa na vida do Partido. É necessário pois combater estas perspectivas a luz dos Estatutos aprovados no II Congresso que consagram os métodos colectivos e sistematicos de trabalho.

E este combate começa a nível do local de intervenção de cada camarada pela aplicação daquilo que é uma das grandes vitórias do II Congresso: A consagração da organização de base nas fábricas, campos, empresas, escolas, etc. ou seja, a consagração das células que ficaram claramente definidas nos Estatutos:

Conforme aprovado:

"As células do MES são as estruturas de base da organização e têm como objetivos:

- a) desenvolver o trabalho de agitação, mobilização, organização e direcção das massas trabalhadoras.
- b) Recrutar novos elementos e promover o seu enquadramento para o trabalho da organização.
- c) Estudar, difundir e contribuir activamente para o aprofundamento e velar pelo cumprimento da linha politica da organização.
- d) Estabelecer a ligação entre as massas e a direcção da organização quer da base para o topo quer do topo para a base.
- e) Estudar e formular propostas que contribuam para o progresso e triunfo da Revolução Socialista."

Podemos assim perceber como 5 simples artigos definem com tanta clareza a importância da célula. Estas 5 alíneas mostram com simplicidade qual deve ser a linha de actuação dos camaradas que na sua escola ainda não formaram células que já existindo devem enquadrar mais elementos e das estruturas de direcção no sentido de incentivar a formação de células.

A dificuldade maior surge nas escolas onde por existirem apenas 2 ou 3 camaradas do MES, militantes ou aderentes eles têm dificuldade em amancar com a formação da célula.

Como superar então esta situação?

Primeiro parece-nos que desde que sejam membros do Partido, esses camaradas devem desde logo reunir-se com o objectivo de colectivamente discutirem a situação na escola no sentido de saberem se existem ou não condições para "arrancar" com uma intervenção, se existem ou não outros simpatizantes do MES, etc. E isto, camaradas, só se consegue se desde logo:

- ganharmos hábitos de trabalho colectivo;
- não desprezarmos as estruturas existentes no Partido;
- soubermos dirigir-nos às estruturas de direcção com o objectivo desse trabalho não ser "desgarrado", e a organização não ter conhecimento dele.

Cumpridas estas primeiras condições estaremos aptos a dar novos passos em frente. Efectivamente depois desta fase e face à análise feita, quer da escola, quer das massas, quer do estágio organizativo do Partido, saberemos com certeza captar nos novos elementos que ou já eram simpatizantes ou que ainda não o eram se desde logo:

- organizarmos a agitação e propaganda partidárias;
- soubermos defender as nossas posições perante as massas;
- soubermos ter uma prática correcta nas estruturas democráticas dos estudantes como forma de sermos reconhecidos como elementos de vanguarda e efectivamente ligados às massas e aos seus problemas concretos;
- soubermos combater as posições reaccionárias ou perspectivas incorrectas;
- estivermos presentes nas iniciativas levadas a cabo pelas massas.

Mas isto só se consegue se houver trabalho colectivo dos camaradas que existem na escola (mesmo que sejam só dois), ou seja, se desde logo houver uma estrutura de base, a célula, já que só através dela é possível

- . ganhar coesão política e organizativa;
- . assegurar uma ligação correcta ao Partido, contribuindo para a definição da sua linha política;
- . ganhar capacidade de direcção política aos mais diversos níveis: no trabalho de massas, no trabalho unitário e no trabalho interno do Partido;
- . garantir um trabalho disciplinado, sistemático e constante que possibilite o aprofundamento da nossa linha política;
- . garantir a análise concreta da situação concreta;
- . garantir a ligação de cada camarada e do Partido às massas, como forma de cada vez mais nos afirmarmos como força dirigente;
- . combater as perspectivas incorrectas que existam no seio do Partido;
- . contribuir com decisão para que o Socialismo seja uma realidade na nossa Pátria.

Mas para que isto seja uma realidade no seio do nosso Partido, há que desde já adoptar um estilo de trabalho comunista, de uma sã camaradagem entre todos os membros e de uma prática diária de crítica e de auto-crítica.

É neste sentido que desde logo, ao formarmos uma célula teremos de nos preocupar com a responsabilização individual e colectiva como forma de nada ser deixado ao acaso.

É nesta perspectiva que deve ser entendida em cada célula a criação:

- . de um dia certo de reunião (uma vez por semana);
- . do delegado de propaganda;
- . do responsável pela banca e venda de jornais;
- . do tesoureiro;
- . de instrumentos que possibilitem elevar a formação política, técnica e moral de todos os camaradas;
- . de hábitos de feitura de relatórios periódicos sobre a actividade da célula;
- . de hábitos de realização de inquéritos periódicos às massas.

Quando as células atingem um número superior a dez camaradas é fundamental para o bom funcionamento haver um Secretariado de célula, constituído por dois camaradas, 3 ou 4 (conforme o número total de elementos da célula), e as suas funções deverão ser as de preparar e dirigir a actividade da célula, velar pelo cumprimento das tarefas individuais e colectivas, preparar as reuniões de célula (convocação e ordem de trabalhos) e dar resposta às questões imediatas que se coloquem à intervenção partidária. Deverá ser também pela sua

prática e porque reúne os camaradas mais conscientes e avançados da célula, um elemento disciplinador e impulsionador do trabalho, sendo por assim dizer o coração da célula.

As suas vantagens, para além de tudo o que atrás foi dito, são também a de rodar camaradas nas tarefas de direcção e coordenação, impedindo que o trabalho caia na banalidade e no espontaneísmo. Deverá reflectir na sua rotatividade periódica, a dinâmica do crescimento dos restantes camaradas na célula para quem as tarefas de direcção já não serão talu, refletindo-se essa experiência adquirida na capacidade de dirigir as Frentes de Massa e o próprio Movimento Estudantil.

Nas células mais pequenas que não faça grande sentido a existência de um Secretariado de Célula, é importante que se nomeiem dois camaradas para preparar as reuniões e coordenar os trabalhos. Esses camaradas deverão ser rodados com a periodicidade determinada pela célula.

É evidente que todo este trabalho não deve perder de vista a intervenção diária, a prática quotidiana, no sentido de, aprendendo com os próprios erros, elevarmos a nossa capacidade. No entanto, também a elevação da formação política de cada camarada não pode ser deixada ao espontaneísmo e à iniciativa pessoal de cada um. Para isso temos de nos preocupar com a tarefa de formação de quadros que deverá ser não só para melhorar a formação política, ideológica moral e organizativa dos camaradas, mas também para superarmos os vícios que afectam o sector, e isso só será conseguido através de um trabalho organizativo e colectivo.

Para já há que combater a concepção daqueles que encaram esta tarefa desligada da prática do dia a dia, apenas como o lançamento de um conjunto de textos para serem discutidos. Não ela deve ser entendida no sentido de dar resposta não só às questões teóricas, mas também a questões práticas, (desde aprender a trabalhar com um copiador, até saber "estar" numa Assembleia de massas), no sentido de tornar o sector forte, coeso e operante, capaz de responder às solicitações diárias da luta estudantil e do Partido.

Por tudo isto, este trabalho de formação de quadros não pode estar desligado da adopção de um novo estilo de trabalho nas células.

Nesta formação de quadros há a distinguir diversos níveis a que poderão ser feitas: central, sectorial, de células, etc. Na actual situação do sector estudantil e das células, a participação destas na formação de quadros será diminuta, a não ser em casos pontuais. Assim, deverá ser a iniciativa partir centralmente sendo acompanhada no esforço de discussão pelas células de base.

Os temas a tratar dividir-se-ão em dois grandes grupos: aqueles que se relacionam com a escola e a luta estudantil e os que dizem respeito a questões gerais (por ex. O Movimento Comunista Internacional). Os primeiros serão tratados apenas no Sector e o seu lançamento deverá nesta fase, ser iniciativa do SEORL e como preparação para a I Conferência Nacional dos Estudantes do MES; os segundos serão lançados pelo Departamento de Formação de Quadros do Comité Central.

EM FRENTE PELA FORMAÇÃO E COESÃO DE CÉLULAS DO MES EM TODAS AS ESCOLAS!

LUTEMOS POR MÉTODOS COLECTIVOS E COMUNISTAS DE TRABALHO!

Sobre a construção da corrente revolucionária no seio do M.A.

INTRODUÇÃO

O documento que agora reproduzimos é, (tal como o seguinte) um texto essencial para a concretização da linha táctica que vimos definindo em anteriores "EpC" (nomeadamente nº10 e 11). Ele é o resultado do debate travado na 5ª Reunião da C. Nacional, aperfeiçoado posteriormente na reunião alargada do SEORL de 11 e 12 de Abril.

A ser aprovado na 6ª Reunião da C.N., passará a ser a trave mestra de todo o nosso trabalho federativo ao nível nacional.

Uma leitura crítica cuidada do documento é, pois indispensável!

A - PREÂMBULO

A presente proposta de trabalho assenta na análise que vimos fazendo. Passamos, no entanto, a ressaltar os seus pontos mais salientes.

1. No documento "QUE FUTURO PARA O M.E. EM DEMOCRACIA BURGUESA?" (EpC - 10) no seu pt.9, dizia-se:

"O que caracteriza a actual fase?"

- uma certa pacificação do meio estudantil - incapacidade de lançar processos globais - retorno ao "trabalho de escola".
- e nascer duma importante força social-democrata de direita - que aparece, pela primeira vez, com razoável capacidade político-organizativa.
- o crescer do ultra-reformismo dos revisionistas da UEC
- um certo isolamento dos revolucionários - só se manterá "de pé" quem souber reconvertido o seu discurso e prática nas escolas - a UEDP muito dificilmente o fará.

2. No pt.10 do citado documento, perguntava-se:

ENTÃO COMO INTERVIR?

- como intervir não caindo no risco de querer "descer ao nível das massas" para resistirmos "até à última" nas A.A.E.E. que dominamos, acabando por retirar qualquer conteúdo revolucionário à nossa acção?
- como intervir - transformando o actual tipo de "discurso" feito à base de "chavão" que começa a passar a léguas da maioria dos estudantes?

3. No doc. "A TÁCTICA DOS REVOLUCIONÁRIOS PARA AS ESCOLAS" (EpC - 11), respondia-se no pt.3:

REFORÇAR O TRABALHO ASSOCIATIVO E LANÇAR UMA PROFUNDA INTERVENÇÃO CULTURAL E IDEOLÓGICA DE BASE E DE MASSAS.

e apontávamos os passos essenciais que interligavam estas duas palavras de ordem:



- lançar a organização de base em toda a escola
- defender os princípios do apartidarismo e democracia
- ligar as reivindicações concretas do combate ideológico e cultural
- unificar a luta dos estudantes à dos trabalhadores
- quebrar o sectarismo nas batalhas eleitorais

4. Interessa ainda ter em atenção os dados do artigo do "EpC - 11" - "CORRELAÇÃO DE FORÇAS AO NÍVEL DAS DAAEE" e perceber daí a força que nós (potencialmente) representamos, assim como perder qualquer pessimismo dramático relativamente à força da direita.

Se é verdade que aquela força potencial ultrapassa as actuais capacidades organizativas do partido, não é menos verdade que pouco ou nada tem sido explorada.

5. Por último é importante focar a situação do secundário de Lisboa e Porto que se caracteriza por:

- domínio aberto da direita, onde chega a mobilizar estudantes através daquilo que era o terreno tradicional da esquerda - "as questões de juventude".
- o MES (e a esquerda em geral) não dispõem de quaisquer instrumentos de trabalho (estruturas de frente, jornais,...)

6. É na base destes considerandos que parece existir um consenso em três grandes pontos:

- o terreno central não vai ser a luta "anti-MEIC" mas sim a luta pela hegemonia ideológica no seio de escola; ou seja o confronto vai passar de : ESCOLA - MEIC para ESQUERDA - DIREITA (em termos genéricos).
- há que lançar a tal profunda intervenção cultural
- há que dirigir as AAEE que influenciámos

A partir daqui é que surge a pergunta - na base desta perspectiva, o que fazer concretamente no 3º período? O que fazer ao nível das AAEE? aonde não existem AAEE ou são de direita? que instrumentos iremos criar?

B - ARRANCAR DECISIVAMENTE NA CONSTRUÇÃO DA CORRENTE REVOLUCIONÁRIA DO MA

É esta a tarefa principal a lançar neste período! Para ela temos de aproveitar todas as nossas forças do ponto de vista associativo.

1. Quais as forças políticas que fariam parte desta corrente?

Apenas o MES e os sectores independentes; o que normalmente se chama de "esquerda revolucionária". Isto não quer dizer que não contactemos AAEE com elementos da UEDP ou da UEC, mas sim que não o faremos para as AAEE hegemónicas por essas forças.

2. As AAEE a contactar. que não divulgamos aqui por questões de segurança, atingem as quatro dezenas e cobrem todos os distritos do país (à excepção de Santarém, Setúbal e Faro) e correspondem à soma daquelas que são hegemónicas pelo nosso partido com aquelas onde o peso dos "independentes de esquerda" é determinante. (ver artigo do "EpC" - 11 "A CORRELAÇÃO DE FORÇAS AO NÍVEL DAS DAAEE")

3. Qual o PROGRAMA POLÍTICO que proporíamos a estas 42 AAEE?

UM PROGRAMA BASEADO EM 5 PONTOS:

- a) anti-fascismo, anti-imperialismo e anti-capitalismo
- b) combate à direita no terreno ideológico - por um forte trabalho cultural e ideológico que ligue as questões da escola, ao quotidiano estudantil e às questões políticas globais
- c) defesa da democracia e do apartidarismo - contra o sectarismo e o controle - unidade e luta.
- d) pela unificação dos combates estudantis com a luta dos trabalhadores.
- e) contra a política direita e anti-democrática do MEIC.

4. Qual a plataforma concreta de intervenção que proporíamos?

UMA PLATAFORMA DE INTERVENÇÃO BASEADA EM 10 PONTOS:

- a) intervenção conjunta nos ENDAS, COMORG, RIAS... e, em geral, no trabalho associativo e, no processo de construção da UNEP.
- b) intervenção conjunta nos processos de luta concretos contra a política do MEIC - nomeadamente (nesta fase) - cívicos, secundário (exames, faltas...), magistérios
- c) intercâmbio de documentação produzida pelas respectivas AAEE.
- d) serviço de bancas em cada AAEE onde se venderiam as revistas e jornais produzidas pelas outras AAEE, numa base financeira a estabelecer.
- e) feitura dum rol de instrumentos de intervenção cultural existentes - filmes, grupos de teatro, cores, cooperativas livreiras,... - e colocação à disposição das respectivas AAEE
- f) solidariedade e apoio a todas as DAAEE e listas concorrendo na base deste programa!
- g) solidariedade e apoio a todas as forças progressistas intervindo no M.A., sempre que isso vise a derrota do inimigo principal - a direita agora organizada em torno da JSD.
- h) lançamento de iniciativas conjuntas, nomeadamente:
 - campanhas em torno de temas específicos.
 - comemorações de datas significativas.
- i) relançamento de datas específicas da luta estudantil em Portugal - o "DIA DO ESTUDANTE" e a "TOMADA DA BASTILHA" (25 de Nov) reeditando velhas condições da solidariedade estudantil.
- j) lançamento dum jornal quinzenal de juventude assente ideológica, técnica e materialmente nestas DAAEE.

5. Qual o método que seguiríamos?

Em primeiro lugar dirigindo cabalmente este processo, através da C. Nacional e das DAAEE abertamente MES (o que exigiria o destacar de alguns camaradas para as tarefas federativas).

Em segundo lugar - não expondo imediatamente todo este processo às 42 DAAEE, mas definindo fases precisas, não comprometendo todo o trabalho.

6. Mais concretamente o que faríamos e com que prazos?

DIA 17/Abril - Nas comemorações em Coimbra, promove-se uma reunião - AAC/ISE/Economia do Porto que discutem este programa e plataforma e resolvem desencadear o processo de contactos com as outras DAAEE, havendo uma 1ª reunião dessas AAEE a 7/8 de Maio

23/Abril - 6ª Reunião da C.N. - que discute profundamente o lançamento da corrente revolucionária

7/8 Maio - 1ª reunião das 42 DAAEEs, a realizar em Coimbra donde sairia a reformulação do PROGRAMA, PLATAFORMA e iniciativas concretas.

Assim poderíamos pensar em iniciativas concretas nos meses de MAIO/JUNHO (e mesmo nas férias) que poderiam ir desde a simples troca de documentação e revistas até à intervenção conjunta nos ENDA, como ir mais longe, dependendo fundamentalmente da capacidade político-organizativa do ponto de vista partidário - "o espaço está aí à nossa espera!".

Nomeadamente a saída dum número do Jornal de Juventude na 1ª quinzena de Junho, era importante. No entanto todo o trabalho deste 3º período visava a estruturação e planificação da entrada em força no proximo ano lectivo.

-SEORL -

A NOSSA TÁCTICA

PARA O TRABALHO CULTURAL

INTRODUÇÃO

Tal como o anterior: A NOSSA TÁCTICA PARA O TRABALHO CULTURAL - é um documento para debate da VI Reunião da Coordenadora Nacional.

Estes dois documentos, juntamente com um terceiro - "SOBRE O TRABALHO NO ENSINO SECUNDÁRIO" (a sair no EpC 13) - passarão a ser os três grandes orientadores da nossa intervenção estudantil.

"A NOSSA TÁCTICA PARA O TRABALHO CULTURAL" será o orientador da nossa acção ideológica e cultural sobre a qual vimos afirmando a necessidade. A forma como vem exposto facilitará a sua apreensão - ao lado dos objectivos de intervenção, vêm colocadas as formas práticas (os instrumentos) de os alcançar.

I.º PROGRAMA POLITICO

No terreno da intervenção cultural e ideológica a unificação de largos sectores deve fazer-se tendo em conta também o processo de organização da corrente Revolucionária Associativa, assim como o seu fortalecimento. Desta forma, os princípios políticos de carácter programático, que deverão ser um precioso elemento de unificação, são apontados de forma que nela só caibam os sectores da esquerda revolucionária que ainda estão dispersos.

1. Afirmação Anti-Fascista, Anti-capitalista e Anti-Imperialista
2. Dar combate à direita no terreno ideológico não desprezando aqui a demarcação face ao reformismo.
3. Contra a politica reaccionária do MEIC através do combate ao quotidiano burguês que o MEIC pretende reavivar.
4. Pela unificação das lutas estudantis com as lutas dos trabalhadores.

II - PLATAFORMA DE INTERVENÇÃO

III - INSTRUMENTOS

<p>1. Denúncia de todas as manifestações do fascismo renascente quer dentro das escolas (regresso de saneados, organização dos grupos nazis, etc.) quer ao nível da sociedade (bombistas, partidos fascistas, renascimento do fascismo nas FFAA, etc.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Abaixo-assinados - Moções - Jornais Murais
<p>2. Divulgação e apoio às lutas dos trabalhadores contra a exploração capitalista, assim como contra a recuperação capitalista da economia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Divulgação da imprensa sindical nas escolas - Divulgação das negociações dos CCCCTT. - Apoio (com recolhas de fundos) a greves. - Colóquios.
<p>3. Denúncia da política agrária do Governo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Jornadas de Apoio à Reforma Agrária. - Colóquios
<p>4. Denúncia da venda do nosso país ao Imperialismo e das formas de ingerência imperialista em Portugal; desmistificação da ideologia imperialista que tenta inculcar na juventude os seus valores.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Edição de textos sobre esta problemática - textos soltos ou revistas. - Colóquios. - Jornais Murais.
<p>5. Divulgação das lutas de outros povos contra o Imperialismo, com particular relevo para os povos das ex-colónias (África Austral, Palestina, América Latina)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Jornadas internacionalistas e anti-imperialistas - Filmes - Colóquios - Jornais Murais
<p>6. Luta contra o quotidiano de caserna que o MEIC e as forças de direita pretendem impôr através da intensificação dos ritmos de estudo, através da rentabilização do "canudo" (aulas-marranço-aulas-marranço-exames) através do individualismo e da competição, através do parlamentarismo apelando, de ano a ano, aos estudantes à sua "participação" na vida da escola pelo voto "consciente".</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quebrar o isolamento de cada escola face às outras: divulgando processos de luta contra o MEIC, etc.
<p>7. A LUTA CONTRA A DIREITA NESTE CAMPO DESENVOLVE--SE DO SEGUINTE MODO:</p>	
<p>7. <u>Pela afirmação da participação e controle estudantil sobre o ensino e as questões pedagógicas em relação estreita com o estudo consciente crítico e virado para a vida e luta do povo trabalhador, tendo por base a realidade concreta da sociedade que nos rodeia, dando igualmente desta forma, combate às posições sindicalistas-reformistas (da UEC/UEDP/UJCR) que baseiam a sua actuação no formulário reivindicativo.</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Colóquios ligados aos temas de estudo. - Publicações de textos, trabalhos, revistas. - Filmes ligados ao estudo - Jornais de curso - Criticas orais à matéria - Abordar as questões pedagógicas, nomeadamente a seleção, faltas, qualidade de ensino, etc.

8. Pelo reforço do trabalho colectivo e de iniciativas que contribuam para enriquecer a aprendizagem nos moldes definidos.

idem

9. Velar pela organização de base nas turmas e nos cursos única forma de preservar uma verdadeira democracia, de garantir a unidade na luta contra as medidas prepotentes e selectivas utilizadas pelos que (estudantes ou professores) apoiam a política reaccionária do MEIC e de dar um combate eficaz (com alternativas) ao parlamentarismo agora "condensado" nas AR's.

- Articulação deste trabalho com os elementos revolucionários nas AR's.
- Tomadas de posição a toda a escola sobre os problemas que surgem em cada curso.
- Avançar na coordenação progressiva das estruturas de base.

10. Pelo correcto preenchimento dos tempos livres através de iniciativas que dentro ou fora da Escola se façam de forma sã e produtiva e debaixo de um espirito progressista e que consiga erguer uma barreira à "descompressão" canalizada para a corrupção ou borguismo pela força dos valores e instrumentos burgueses.

- Sessões culturais (dentro ou fora da escola) focando os problemas da juventude.
- dinamização de grupos culturais (Teatro/Música/Cinema)
- Deslocações colectivas à praia, cinemas, teatros, com introdução de debates específicos.
- Abertura de espaços de convívio.

11. O quotidiano de caserna que as forças de direita e o MEIC pretendem impôr passa por intensificar o isolamento da escola face à sociedade que nos rodeia e fundamentalmente face à classe operária - a vanguarda na luta pela Revolução Socialista. Portanto há que derrotar a direita também neste terreno através de:

12. Aproveitamento do conteúdo do ensino que é dado em cada escola ou curso para elaboração de trabalhos, feitura de colóquios, etc, de forma a permitir introduzir temas directamente respeitantes à vida e luta dos trabalhadores na própria aprendizagem, assim como o contacto directo com as massas exploradas.

- Contactos regulares com:
 - . IRA/CRARA/MARN
 - . SAAL/Inter Bairros de Lata.
 - . CAOB (Comissão de Apoio aos Org. Pop. Base)
 - . Intersindicais/Sindicatos (corrente sind. rev)
 - . Colectividades de bairro
- Visitas de estudo orientadas a cooperativas, fábricas em auto-gestão, bairros de lata.

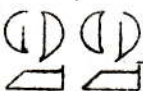
13. Dentro deste mesmo processo de aprendizagem a feitura de trabalhos que postos ao serviço das organizações de trabalhadores poderiam ser algo mais que mera verborreia saída de uma boa cabeça para adjuirir determinada nota.

14. Possibilitar uma informação mais objectiva sobre os reais problemas dos trabalhadores.

<p>14. Organização de iniciativas de trabalho cultural conjunto com as colectividades ou outras organizações afins populares como forma de, também fora da escola, os estudantes participarem no combate à ideologia dominante.</p>	<p>- Campanhas contra o filme burguês e reaccionário. (p. exemplo)</p>
<p>15. Instrumentos globais que não se circunscrevem de forma específica aos pontos da Plataforma de Intervenção:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dinamização para a formação de grupos de teatro. - Dinamização " " " " " corais - Lançamento de Feiras do Livro ou cooperativas, livrarias e culturais, tendo em conta a - Arma-Critica. - Abordagem do ponto do desporto estudantil. - Divulgação da imprensa associativa revolucionária. - Elaborar um estudo aprofundado sobre a necessidade de aproveitamento do Cine-Clube Universitário de Lisboa. 	

CRAPSE / SEORL

LÊ E DISCUTE
 ATENTAMENTE OS DOCUM.
 DO "ESTUDANTES PELO COMUNISMO"



INFORMAÇÕES INTERNAS

A) 5ª REUNIÃO da COORD. NACION.

1. PRESENCAS: D.E.J., SEORL, Porto, Coimbra, Guimarães, Viana de Castelo, Aveiro, Itária.
FALTARAM: Portalegre, Castelo Branco, Beja

2. ORDEM DE TRABALHOS

1

1) INFORMAÇÕES

. camaradas da Coordenadora Nacional participaram na reunião alargada com o Comité Central onde foi discutida a nossa tática para a frente escolar;

. em Letras do Porto nas eleições para a AE, venceu uma lista de ampla unidade de esquerda (UEC, MES, UEDP, Ind.) - a nossa influência é grande;

. a R.I.A. do Porto inicia um regular funcionamento;

. partidariamente a situação no Porto é bastante grave - inexistência de estruturas organizativas sólidas (ver informações posteriores);

. em Coimbra está formada uma estrutura de direcção do Sector, libertando os nossos camaradas que estão na Direcção Geral da AAC para o trabalho de massas. Iniciaram as Bancas do MES na AAC;

. em Viana do Castelo lançou-se o jornal "Intervenção", e está formada a COORDENADORA DO MINHO, para coordenação e direcção do nosso trabalho partidário naquela importante zona de trabalho (ver informações posteriores);

. em BRAGA - intervenção partidária quase inexistente, mas razoável situação organizativa associativa;

. em Barcelos - excelentes hipóteses de trabalho;

. em Guimarães - continua a ser editado o "PONTOS NOS II";

. Vencemos recentemente as eleições para a AE de Enfermagem de Portalegre.

2) BALANÇO DO TRABALHO E CONCLUSÕES ORGANIZATIVAS

Fez-se um balanço da actividade partidária interna e de massas, assim como da correlação de forças no momento actual. Concluiu-se por um consenso geral em torno dos documentos que vêm sendo publicados no "EPC" e pela afirmação de que "existem enormes potencialidades e responsabilidades na nossa intervenção, para as quais não temos a capacidade organizativa suficiente para lhes dar uma resposta global!".

Retiraram-se, então propostas organizativas imediatas:

- . reforçar a Coordenadora Nacional;
- . o Minho passará a estar representado por um camarada da Coordenadora do Minho;
- . lançar o trabalho para a região de Setúbal (onde somos fracos);
- . criar imediatamente o Secretariado Estudantil da ORP, que dirigido pela D.O.R.P., tenha efectivas funções dirigentes sobre o Sector e não apenas de coordenação. Este ponto, em torno do qual se gerou um amplo debate, acabou na criação, na própria reunião de um SEORP provisório, que ficou responsável por elaborar um PLANO DE TRABALHO até 13 de Abril

3) A NOSSA TÁTICA PARA AS ESCOLAS - CONCLUSÕES ORGANIZATIVAS

Este foi o ponto que sofreu maior atenção da Coordenadora Nacional, e que originou em alguns pontos intervenções polémicas. Os documentos que reproduzi

mos neste "EPC" - "SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CORRENTE REVOLUCIONÁRIA NO M.A." e "A NOSSA TÁCTICA PARA O TRABALHO CULTURAL" são o resultado dessa discussão e trata-se de propostas muito concretas para serem discutidas, alteradas e aprovadas na 6ª reunião da Coordenadora Nacional, a realizar em 23 de Abril em Lisboa. A esse documento chamamos mais uma vez, a atenção e leitura cuidadas de todos os camaradas

13) SECRETARIADO do PORTO

CAMARADAS,

Eis que passados alguns meses, o Porto dá notícias de si. De qualquer forma é com grande alegria que estamos presentes, pela informação, no "EPC" nº12, exactamente no momento em que celebramos o 10º Aniversário da sua saída, naquilo que isso significa de avanços organizativos e grande contributo à intervenção militante dos comunistas do MES na frente estudantil.

Nesta informação não iremos mais além do que fornecer um pouco da "paisagem" de qual é a situação as escolas e a nossa presença. Em breve daremos conta do actual estado organizativo e o plano já elaborado pelo SEORP.

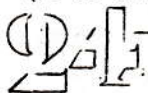
Neste momento do ponto de vista do M.A., e damos-lhe especial realce porque ele ganha bastante peso capacidade de iniciativa, é a seguinte a situação:

No Ensino Médio e Superior do Porto, de 11 AAEE existentes só 2 (Medicina e Ciências) são hegemônicas pela direita (JSD), o que em termos federados na Academia "facilita" o trabalho para a Esquerda. Das 9 AAEE de esquerda (FEP, FEUP, ISSSP, MAGISTÉRIO; ISEP, ISCAP, LETRAS, BIOMÉDICAS e ENFERMAGEM) o MES está presente em 5 com capacidade para hegemônizar na FEP, MAGISTÉRIO e ISSSP. A mesma situação não se verifica no Ensino Secundário, onde a direita detém a esmagadora maioria de AAEE (em 13 só a UEC hegemôniza duas).

Contudo, é fundamentalmente no Ensino Médio e Superior que o MA tem subido de importância, pela capacidade de iniciativa que tem demonstrado. Nestas últimas 4 semanas tem-se assistido ao ressuscitar da RIA (órgão máximo federativo da Academia) e já lá vão 7 reuniões. De notar que a grande maioria das AAEE foi recentemente eleita e esta encetando os primeiros passos, que em termos de propostas correspondem à agitação de alguns valores novos com grande capacidade de realizarem bom trabalho com frutos políticos que a médio prazo renderão bastante.

Para além das iniciativas particularizadas a cada escola, a RIA está a dirigir a realização da Semana Comemorativa do 25 de Abril na Academia, cujas palavras de ordem centrais são propostas nossas: "O 25 de Abril na Academia", "Contra o fascismo", "Lembrar a História", "Unir os estudantes", "Continuar a luta". As comemorações constam duma primeira sessão evocativa da luta estudantil anti-fascista, onde estarão presentes entre outros ex-dirigentes estudantis, os nossos camaradas do C.C. Alberto Martins e Afonso de Barros e ainda Rui Luís Gomes, Carlos Candal, José Augusto Rocha, Jorge Sampaio, e José Augusto Seabra; projecção de um filme alusivo das comemorações; canto livre pelo grupo coral do CREC; descerramento duma lápide "em memória dos estudantes assassinados pela ditadura fascista", e ainda uma exposição fotográfica sobre "a luta dos estudantes contra a repressão e autoritarismo fascistas".

O Executivo das comemorações é composto por 4 camaradas sendo 2 do MES e 2 da UEDP. AS intervenções da RIA na sessão e no descerramento da lápide são negociadas (1 do MES outra da UEDP). Ainda sobre este aspecto, de notar que a RIA do Porto en-



via a Coimbra um delegado que fará a mensagem saudação (feita por nós) às comemorações do 17 de Abril naquela cidade.

Estalou entretanto a luta de "Psicologia" que a continuar poderá ter repercussões muito importantes na Academia e a nível nacional, para já a RIA dirige e esperam-se as reacções das "autoridades" académicas e de poder local e nacional...

Um abraço militante, saudações comunistas
SEORP, Porto, 17 de Abril de 1977.

C) CONFERÊNCIA do MINHO

CAMARADAS,

Realizou-se no passado dia 19 (Março) em Braga numa reunião onde estiveram presentes camaradas responsáveis pela intervenção nas Escolas, dos Núcleos de Viana, Braga, Merelim, Barcelos, Fafe e Guimarães.

Em consequência do balanço feito quer do trabalho realizado até ao momento nos diversos núcleos, quer às possibilidades e perspectivas de reforço da nossa presença nas escolas desta região, foi considerado de importância fundamental a realização o mais tardar no próximo mês de Maio, de uma Conferência de todos os estudantes e professores subordinado aos seguintes temas:

1. Intervenção do MES nas escolas
 - 1.1. A nível sindical
 - 1.2. A nível da gestão
 - 1.3. A nível de célula
2. O Movimento Estudantil e a sociedade capitalista
 - 2.1. Movimento Associativo
 - 2.2. Construção da UNEP

O horário de trabalho será o seguinte:

- SÁBADO - 14.30 h. Início com o tema "Introdução"
16 h. Início da I Parte dos trabalhos por secções
20 h. Jantar
21.30 h. Início da Segunda parte dos trabalhos
24 h. Encerramento
- DOMINGO - 10 h. Plenário Final
17 h. Conferência de imprensa

Nessa reunião foi nomeada uma comissão encarregada de preparar esta iniciativa, tendo sido escolhido o núcleo de Viana como local para a realização da Conferência.

Como é natural esta Comissão necessita, e faz um apelo nesse sentido, do apoio da Coordenadora Nacional e do Departamento Escolar e de Juventude principalmente no que respeita à elaboração de documentação de apoio aos vários temas a tratar. A dita comissão decidiu pedir à Coordenadora Nacional a feitura de uma tese que servirá de "introdução" à Conferência subordinada ao tema: "A Escola que temos, A Escola que queremos".

Em frente com a I Conferência Distrital de Estudantes

A LUTA CONTINUA - BOM TRABALHO

Saudações Comunistas

D) CONFERÊNCIA da BEIRA LITORAL

Vai realizar-se em princípio, no dia 30 de Abril, a Conferência Distrital dos Estudantes do MES da ORBL. Esta realização irá coroar um profundo esforço de organização que os nossos camaradas têm desenvolvido e que nos tem igualmente permitido alcançar importantes vitórias em estruturas democráticas dos estudantes numa zona tradicionalmente dominada pelas forças reaccionárias.

E) TRABALHO CULTURAL em LISBOA

INTRODUÇÃO

Resultado da discussão política que vimos fazendo sobre a importância decisiva do trabalho cultural nesta fase da luta estudantil, decidiu o SEORL - criar uma estrutura a ele agregada que "pensasse" e lançasse e coordenasse esse trabalho. Assim nasceu a CRAPSE (Coordenadora de Responsáveis da Agitação e Propaganda do Sector Estudantil).

Ainda que as formas organizativas a adoptar nos Núcleos mais reduzidos tenham obviamente que ser outras, o trabalho cultural "de base e de massas" é hoje, um terreno de intervenção que define a nossa linha táctica estudantil para todo o país. (ver EpC's 10 e 11)

Assim resolvemos publicar extractos da lá circular interna da CRAPSE para as células estudantis da ORL.

NOTA: O importante documento que vem incluído neste nº12 do EpC - "A nossa táctica para o Trabalho Cultural" é já da responsabilidade da CRAPSE.

Aos Secretariados de Célula

A actual situação política em Portugal caracteriza-se por uma democracia burguesa limitada.

A política do governo, mais concretamente do MEIC, é de progressivo estrangulamento dos órgãos democráticos criados depois do 25 de Abril, através das lutas que foram travadas. Esta política é de constante cedência às forças fascistas e fascizantes - CDS e PPD, que mais não visam do que manter a escola ao serviço dos interesses do capital nacional e internacional, perpetuando assim a formação dos agentes que directa ou indirectamente irão reproduzir os métodos de produção e exploração capitalista.

É nesta situação e nesta fase de luta, que os revolucionários têm de saber alterar o tipo de intervenção feito na base de palavras de ordem que a actual situação política deixou, obrigatoriamente para trás, ligando às reivindicações

concretas de um trabalho cultural e ideológico de base e de massas.

Só conseguiremos manter e alargar a nossa intervenção, se soubermos reconverter não só o nosso discurso mas também a nossa prática no sentido de um trabalho cultural e ideológico de base e de massas.

Tendo presente esta análise sobre a questão do trabalho cultural-ideológico, e a sua importância partidária a nível do sector neste momento, e sobre a qual tem versado até agora as discussões havidas na CRAPSE, vamos tentar delinear em breves traços:

a) A composição e o papel da CRAPSE na direcção deste processo

b) A discussão havida até este momento e a ter posteriormente nas células

a) A composição da CRAPSE deve ser de um camarada de cada célula, do sector com capacidade de direcção e iniciativa e integrado correctamente no Partido e dentro dos problemas que o sector atravessa.

Esse camarada tem de ser do Secretariado de célula ou estar obrigatoriamente em estreita ligação com este.

Esta composição baseia-se na análise de que esta estrutura (CRAPSE) deverá ser a orientadora quer das questões de agitação e propaganda partidárias quer do tipo de trabalho a desenvolver a nível cultural e ideológico. A Coordenadora trabalhará sempre com um camarada do SEORL.

b) É assim que achamos urgente e importante que se inicie de imediato, em todas as células, uma discussão aturada sobre estas questões, tocando já em pontos muito concretos que passam por:

-Existência no ISE da Cooperativa Arma-Critica:

.em que moldes surgiu

. sua importância a nível cultural

. situação dos camaradas do MES que aí trabalham

- Possibilidade do ressurgimento do trabalho cultural-ideológico nas escolas passar pela abertura das secções da A.C.T. Para isto torna-se necessário uma discussão nas células sobre:

1) Hegemonia ou não por parte dos camaradas do MES das respectivas AAEE.

No caso afirmativo - possibilidade das secções Arma-Critica surgirem ligadas à Secção Cultural tendo porém sempre em vista a futura autonomização das secções face às DAAEE (possibilidades de virmos a perdê-las).

Levantamento dos camaradas que formam as nossas orlas nas escolas. Verificação da viabilidade prática de pormos em marcha iniciativas de tipo cultural em escolas que não temos o suporte de um aparelho associativo.

2) A situação das células e o seu estado organizativo que servirá de suporte ao trabalho a desenvolver a este nível: capacidades da célula de dirigir este trabalho o que exige a responsabilização de pelo menos um a dois camaradas que terão de estar obrigatoriamente em ligação directa com o SEORL e a CRAPSE (ou qualquer estrutura que se venha a formar a nível do sector para dirigir este trabalho).

Lisboa, 10 de Abril de 1977

C.R.A.P S.E.

F) ENCONTRO dos MAGISTÉRIOS

Realizou-se nos dias 4 e 5 de Abril em Leiria, um Encontro de todas as DDAAEE dos Magistérios. Se tivermos em conta os graves problemas que essas escolas atravessam e o facto de a esmagadora maioria dessas DDAAEE serem hegemónicas pela esquerda, fácil será de compreender o alcance deste Encontro.

De ressaltar a presença activa e dirigente de vários camaradas do nosso Partido. Foi aprovada uma extensa proposta tocando a totalidade das questões que se colocam aos Magistérios; passamos a reproduzir o ponto V que terá mais interesse publicar no EpC.

V - ESTRUTURA NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES DAS ESCOLAS DOS MAGISTÉRIOS PRIMÁRIOS

Considerando que:

- Os estudantes tentam neste momento pôr de pé o seu órgão máximo representativo - a União Nacional dos Estudantes Portugueses - a UNEP;
- É a essa estrutura nacional (UNEP) que cabe definir que tipo de estruturas sectoriais cabem dentro dela.
- Os estudantes do Magistério Primário precisam, dados os seus problemas específicos, de uma estrutura funcional capaz de entrar imediatamente em funções.

As delegações presentes no ENDAEEMP aprovaram:

- 1 - A criação de uma Comissão Coordenadora Nacional das Direcções das Associações de Estudantes das Escolas do Magistério Primário;
- 2 - As atribuições desta Comissão Coordenadora Nacional serão:
 - a) Servir de elo de ligação e coordenação entre as várias escolas do Magistério Primário no sentido de uma unificação de posições e de lutas a nível nacional.
 - b) Convocar encontros nacionais de Direcções Associativas sempre que necessário.
 - c) Defender, junto do MEIC, as posições nacionais dos estudantes das EMP definidas nos ENDAEEMP.
- 3 - A Comissão Coordenadora Nacional (CCN) é constituída pelas Direcções das Associações de Estudantes das seguintes Escolas do Magistério Primário:
 - PORTO - Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Penafiel e Porto.
 - LAMEGO - Bragança, Chaves, Vila Real, e Lamego.
 - COIMBRA - Viseu, Aveiro, Coimbra e Leiria.
 - CASTELLO BRANCO - Guarda, Fundão, Castelo Branco e Portalegre.
 - BEJA - Évora, Beja e Faro.
 - LISBOA - Torres Novas, Santarém, Caldas da Rainha, Lisboa, Angra do Heroísmo, Horta, Ponta Delgada e Funchal.

G) NUCLEO DE PROFESSORES DA ORL

Com a eleição do Secretariado de Professores no último sábado, dia 17 de Abril, entrou-se numa nova fase do processo de reorganização do trabalho dos professores do nosso partido. Com efeito, desde o início do mês de Março, vinham-se fazendo algumas reuniões de camaradas professores com o intuito de não só preparar a nossa intervenção nas eleições para o Sindicato dos Professores da Área da grande Lisboa, como também de lançar as bases organizativas para suportar as exigências que estão subjacentes à reorganização dum sector de trabalho que teve grandes problemas e que ficarão ligados à história do nosso Partido.

Para levar à prática essas tarefas foi logo de início constituído um grupo dinamizador que teria que elaborar uma proposta de organização e recensar os camaradas.

A proposta organizativa foi já igualmente aprovada e o seu aspecto central reside na organização imediata de células de escola. o SPORL terá agora que concretizar essa tarefa e dirigir o nosso trabalho no processo das eleições para o Sindicato que vão ter lugar em princípios de Maio.

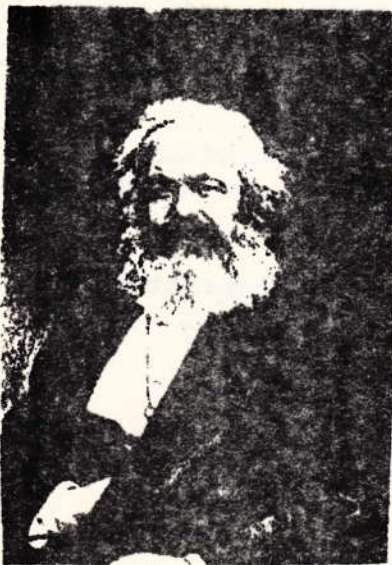
No próximo EpC sairá um Relatório mais pormenorizado sobre o trabalho realizado tanto no terreno da organização como no terreno da intervenção de massa.

Saudações Comunistas

Lisboa, 19/4/77

SPORL

ESTUDANTES PELO COMUNISMO



INDICE:

- Introdução 1
- Sobre a I Conferência 3
- A Organização da UEDT ... 7
- A Crítica ao Projecto da UEDT 14

1º ANO

20-4-76
preço: 5.00

BOLETIM INTERNO do SECTOR ESTUDANTIL

• Departamento Escolar e de Juventude

• Comissão Promotora da I Conferência n.º

1

